

# **Análise Reconstitutiva de Narrativas Biográficas - Procedimentos Metodológicos de Condução e Análise de Pesquisa com jovens– Esboço para um Diálogo com a Etnografia<sup>1</sup>**

**Paula Vianna Köche<sup>2</sup>**

**Resumo:** O objetivo do presente trabalho é apresentar uma síntese da origem da abordagem reconstitutiva de narrativas biográficas e sintetizar os traços definidores dessa abordagem metodológica, que pode ser combinada com outras abordagens, como a discussão em grupo e a etnografia. A partir da pesquisa em andamento para a dissertação de mestrado intitulada “Estilos de vida da geração Alpha: Uma abordagem biográfica e interpretativa” pretende-se demonstrar o processo de condução de entrevistas biográficas, assim como o processo de análise dos relato biográficos produzidos a partir de entrevistas, utilizando-se da abordagem desenvolvida inicialmente por Fritz Schütze e incrementada por Gabriele Rosenthal. Ao final, o texto apresenta possibilidades de diálogo dessa abordagem com a etnografia.

**Palavras-chave:** Narrativas biográficas; Alfred Schütz, Geração Alpha.

O processo para se estabelecer a sociologia como disciplina nas universidades alemãs foi árduo em comparação aos países percursos da sociologia, França e Inglaterra (Srubar, 1984). Para este feito, foi preciso “oferecer uma nova fundamentação delineando um novo objeto e novos métodos” (Santos, 2022, p.166) para o aceite no ensino acadêmico na Alemanha. Uma das principais diferenças resultante do surgimento da sociologia em ambos países foi que ação social passou a ocupar o centro das

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 34a Reunião Brasileira de Antropologia, 2024.

<sup>2</sup> Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Ciência Política da PUCRS Texto desenvolvido com apoio de bolsa CAPES.

atenções da nova disciplina, o que provocou o desenvolvimento de teorias, conceitos e métodos ainda não disponíveis até então. De acordo com Srubar (1984, p. 165):

(...) Uma teoria de compreensão da sociedade que quisesse usar os métodos das ciências naturais parecia muito questionável. Se considerarmos o que era, do ponto de vista alemão, um status acadêmico muito duvidoso do porta-voz da sociologia, bem como suas biografias incomuns, não é de surpreender que a sociologia fosse considerada o "playground da pseudociência" e, na melhor das hipóteses, "um tipo superior de jornalismo.

Diante desse cenário de “desconfiança, as presunções acadêmicas da sociologia francesa da época” se estabelecerá na Alemanha uma “outra possibilidade de realizar o trabalho sociológico em que a análise das interpretações sociais” e as suas ações individuais propriamente ditas são tidas como “objeto por excelência da sociologia” (Santos, 2022, p.166). É nessa conjuntura que Max Weber contribuiu, junto a outros autores, para que a ação dos indivíduos passasse a ser o eixo de atenção da sociologia compreensiva na Alemanha.

Diante desse “contexto intelectual” inicia-se a colaboração de Alfred Schütz para a compreensão do sentido subjetivo da ação em que serão apresentadas pelo sociólogo vienense novas referências teóricas com a intenção de interpretar as ações individuais para o “entendimento de problemas sociais específicos” (Santos, 2022, p.167).

É nessa busca de Schütz em atribuir significado ao sentido subjetivo da ação que se estabelece o diálogo entre as sociologias de Alfred Schütz e de Max Weber. Para abordar a interlocução entre as sociologias do alemão Weber e do austríaco Schutz é indispensável a apresentação de cada teórico e de suas teorias, a se iniciar por Max Weber.

“*L'esprit le plus vivant que j'aie vu*”<sup>3</sup> foi a referência proferida pelo jornalista francês Gaston Riou ao seu entrevistado, o alemão Maximilian Carl

---

<sup>3</sup> “O espírito mais vivo que vi” (tradução nossa) foi a frase dita pelo correspondente do diário francês *Le Figaro*, Gaston Riou, que chegara a Weber por indicação de Ernst Troeltsch para uma entrevista, que jamais veio a público, às margens do Neckar em 1913 na cidade Heidelberg (Mata, 2020, p.15).

Emil Weber (Mata, 2020, p.15) nascido em abril de 1864 na cidade de Erfurt, localizada ao centro da Alemanha. Weber é considerado o “pai” da teoria sociológica compreensiva ao apresentar uma nova maneira de interpretar a realidade social que o categorizou como um autor clássico na sociologia<sup>4</sup> (Sell, 2015) provocando admiração e fascinação ao seu legado. Nesse sentido:

“(...) a fascinação denota um tipo de encantamento intelectual, uma sedução, uma paixão sem a qual é impossível explicar por que tantas pessoas ainda se interessam por Weber e sua obra, da América ao Japão. Ao mesmo tempo, e é o que demonstra o caráter ambivalente do fenômeno, a fascinação frequentemente leva a uma obliteração daquilo que deveria ser o bem mais caro do intelectual: sua autonomia da fascinação ao sacrifício do intelecto, a distância muitas vezes é curta.” (Mata, 2020, p.16)

Max Weber, em sua produção sociológica, abrange assuntos diversos como religião, política, economia, música, entre outros. Weber era veemente

---

<sup>4</sup> Weber, por ser um dos autores clássicos da sociologia, deveriam os seus textos serem avaliados unicamente por seu caráter histórico, isto é, em nada ou pouco auxiliariam para a compreensão da realidade social contemporânea? De acordo com Jeffrey C. Alexander (1996, p.23), na obra *A importância dos clássicos*, “a relação entre ciência social e os clássicos é uma questão que suscita os mais agudos problemas não só em ciência social como, de um modo mais geral, nos estudos culturais”. A história das teorias sociológicas ainda suscita nos dias atuais um debate acirrado. Robert Merton, defensor de uma visão estrutural-funcionalista ou positivista, citado por Jeffrey C. Alexander (1996, p.26) afirma que “numa ciência verdadeira, o louvor dos grandes colaboradores do passado cabe principalmente à história da disciplina”. Merton distingue ciência e história, argumentando que “a investigação de personalidades antigas representa uma atividade histórica que nada tem a ver com o trabalho científico: é tarefa para historiadores, não para cientistas sociais” (Alexander, 1996, p.26). O olhar positivista defende que “a sociologia ainda não conseguiu elaborar pressupostos seguros e definitivos e, enquanto isso perdurar, os sociólogos continuarão a buscar apoio em autores isolados para sustentar suas posições” (Sell, 2015, p.156). Em contraponto à concepção positivista das ciências sociais, alguns autores defendem a atualidade dos clássicos para o entendimento da realidade social contemporânea sustentando, por sua vez, razões de ordem histórica e teórica (Sell, 2015). Jeffrey C. Alexander argumenta que clássicos possuem uma “função hermenêutica” (Sell, 2015, p.157), auxiliando os sociólogos em uma perspectiva comum na compreensão e na discussão de suas pesquisas, estabelecendo assim, unicidade na sociologia. Por outro lado, Carlos Eduardo Sell (2015, p.158) contribui para a discussão trazendo argumentos ponderados na análise das obras dos autores clássicos da sociologia: “A importância teórica e histórica dos pais fundadores da sociologia e de seu cânon consagrado – Marx, Durheim e Weber – não pode ser entendida como sinônimo de atemporalidade e eternidade de suas teorias. Esta visão antiquária e monumentalista exclui a possibilidade de uma atitude crítica em relação às suas teorias. Se os autores fossem tomados como eternos, a sociologia seria vítima de um fatal anacronismo”. Diante desse quadro de controvérsias agudas, cabe um olhar prudente ao trazer para a compreensão da realidade social atual a perceptiva dos autores clássico. Estes, no que lhes dizem respeito, devem ser apreciados como modelos paradigmáticos da sociologia. Em outras palavras, o exercício de reflexão e avaliação às contribuições das obras clássicas das ciências sociais necessita de cautela (Sell, 2015).

em suas ideias e o fazia de forma única, conforme expõe Julien Freund (2000, p. 30):

“Lendo a devotada biografia de sua esposa Marianne Weber, só se consegue fazer uma fraca ideia das explosões, das revoltas e dos escândalos que ele pôde provocar. Os que o conheceram se referem a ele como um vulcão em permanente erupção, ao mesmo tempo que ele conservava em seu íntimo uma tranquilidade que mais exacerbava seus adversários. Era o homem que sabia sempre manter-se afastado, apesar de uma curiosidade sempre aguda, tanto pelo menor trabalho de erudição a respeito de um insignificante aspecto da China antiga, como pelas questões de mais viva atualidade. Foi antes de tudo um sábio”.

Por abordar assuntos diversos e aparentemente dispersos em suas obras, seus textos e escritos, o pensamento de Weber pode ser compreendido de forma labiríntica. Em outros termos, os diferentes temas trazidos por Max Weber nada tem de incoerente ou eclético por não estarem vinculados a um sistema central conforme acresce Julian Freund (2000, p.12):

“Uma das características mais visíveis do pensamento weberiano é, por um lado, a dispersão metodológica, científica e filosófica, desvinculada intencionalmente de qualquer núcleo central, e, de outro, o possível emaranhado de todos os possíveis antagonismos, irredutíveis em princípio a qualquer sistema. (...) Em outras palavras, a fragmentação aparente do pensamento weberiano é mais o resultado da sua preocupação com o rigor analítico.”

Weber vai conduzir os seus trabalhos sociológicos alicerçados no sujeito. O indivíduo, como “elemento fundante na explicação da realidade social, atravessa a produção epistemológica e metodológica do autor, operando como uma verdadeira revolução nas ciências sociais” (Sell, 2015, p.110). A teoria sociológica weberiana é denominada de compreensiva, pois busca compreender (*Verstehen*) a definição da ação social (conceito explicado mais a frente), explicitando as causas dessa.

Weber afirma que a sociologia tem como ponto de partida analítico a

ação individual e não a sociedade ou a estrutura social. É exatamente a realidade do sujeito que compõe e dá sentido à realidade social, à sociedade.

Para Weber:

“A sociologia significa uma ciência que pretende compreender interpretativamente a ação social e assim explicá-la causalmente em seu curso e em seus efeitos. Por ‘ação’ entende-se um comportamento humano sempre e na medida em que o agente ou agentes o relacionem com um sentido subjetivo. A ação ‘social’, por sua vez significa uma ação que, quanto a seu sentido visado pelo agente ou agentes, se refere ao comportamento de outros, orientando-se por este em seu curso.” (Weber, 2004, p.3).

Na sua teoria da ação, Max Weber considera que o sujeito atribui significado subjetivo à ação e, mais ainda, às estruturas, orientando dessa forma a sua conduta. Dessa maneira, o observador não teria que se preocupar com as estruturas, mas com o significado atribuído a elas pelos indivíduos.

Diante desse quadro, em que o sujeito alicerça as explicações dos fenômenos sociais, cabe o questionamento da origem do sentido subjetivo trazido por Weber no conceito de ação social, isto é, quais são os elementos constitutivos do sentido subjetivo? E foi exatamente o que Alfred Schütz indagou, nascendo, portanto, a “interlocução” entre Alfred Schütz e Max Weber.

Alfred Schütz nasceu em Viena, em 1899, cidade em que também realizou seus estudos em ciências jurídicas, sociologia, economia e filosofia. Em razão da iminente ameaça da Segunda Guerra Mundial, muda-se com sua família para Paris e posteriormente para Nova York. A vida acadêmica só foi exclusiva nos últimos anos de vida, pois o trabalho em uma instituição bancária, necessário para o sustento da família, lhe exigia tempo integral (Schütz, 1979, p.4).

Schütz publicou em vida um livro, “sua tese de doutorado intitulada *Der sinnhafte Aufbau der sozialen Welt – Eine Einleitung in die verstehende Soziologie* (A construção significativa do mundo social – Uma introdução à sociologia compreensiva)”, vários artigos em periódicos, além de ter delineado e redigido parcialmente um segundo livro “*The Sctructure of Life-*

*Word* (As estruturas do mundo da vida)”, que após a sua morte em 1959 foi finalizado e publicado pelo seu ex-aluno, Thomas Luckmann (Santos, 2022, p.164).

Durante seus estudos, Schütz dedicou-se profundamente à “filosofia fenomenológica de Edmund Husserl, à sociologia compreensiva de Max Weber e à teoria econômica de Ludwig von Mises” (Santos, 2022, p.163), os quais edificaram interdisciplinarmente a base do seu empreendimento sociológico. Tal empreendimento consiste no foco por parte dos observadores científicos no “processo de interpretação dos indivíduos e, portanto, de aquisição e sedimentação de conhecimento de senso comum”, pois este influencia na definição da rota de ação na vida cotidiana (Santos, 2022, p.167).

Schütz analisa com precisão a teoria da ação de Weber que afirma:

“(…)A conduta humana só é considerada ação quando na medida em que a pessoa que age atribui à ação um significado e lhe dá uma direção que, por sua vez, pode ser compreendida como significante. Essa conduta intencionada e intencional torna-se social quando é dirigida à conduta de outros” (Schütz, 1979, p.10).

Tais afirmações são a construção de Weber do “significado subjetivo de importância fundamental para a compreensão da ação humana” (Schütz, 1979, p.10). Percebe-se que nesse axioma, Weber pressupõe que “os indivíduos são intérpretes por excelência” (Santos, 2022, p.167), uma vez que a conduta das pessoas que interagem entre si ou com outros é relevante para a atribuição do sentido subjetivo da ação.

E é com essa concepção weberiana da teoria da ação social que Alfred Schütz vislumbra uma possibilidade de adentrar à sociologia com postulados da fenomenologia de Edmund Husserl. Schütz foi buscar na fenomenologia de Husserl fundamentos para avançar e desenvolver detalhadamente a sociologia da ação iniciada por Max Weber.

Schutz traz de Husserl o conceito de mundo da vida (*Lebenswelt*) que “é o mundo intersubjetivo preexistente, que é assumido como dado e inquestionável num primeiro momento pelo sujeito como uma atitude

natural<sup>5</sup>”, segundo Husserl (Santos, 2022, p.169). Em outras palavras, “este mundo existia, acreditamos, antes de nosso nascimento, tem sua história e nos é dado de forma organizada” (Natanson, 1962, p. XXVII). E é nesse mundo do cotidiano que “os homens entram em relação uns com os outros e tentam se entender, tanto entre si quanto consigo mesmos” (Natanson, 1962, p. XXVII). No entanto, apesar dessa realidade da vida diária embasar toda a estrutura para toda a ação social, existe o espaço para que cada indivíduo se posicione na vida cotidiana de uma maneira única, pois a cada situação biográfica conduz à singularidade.

Ao trazer os pressupostos da fenomenologia de Husserl para a concepção da sociologia, Alfred Schütz passa a ser conhecido por propor uma “sociologia fenomenológica”<sup>6</sup>. Tal expressão é refutada, principalmente por Thomas Luckmann<sup>7</sup>, por ser um “absurdo conceitual”, pois “o objetivo da fenomenologia é a descrição das estruturas universais de orientação subjetiva no mundo, enquanto da sociologia é de explicar as características gerais do mundo objetivo” (Santos, 2022, p.168). Schütz, com o intuito de dar continuidade à sociologia em que ação do sujeito é o ponto de atenção, inaugurará uma sociologia fenomenologicamente orientada que passa a fazer parte do rol das escolas interpretativas das ciências sociais possibilitando, dessa forma, um novo olhar “à forma como é encarada a realidade social” (Schütz, 2023, p.05).

Schütz vai propor em seu empreendimento analítico que as “atenções

---

<sup>5</sup> Alfred Schütz diz que “na atitude natural, encontro-me sempre em um mundo que, para mim, inquestionavelmente e como obviedade, e “real”. Nele nasci, e assumo como dado que ele existia antes de mim. (...) Ademais, aceito como simplesmente dado que nesse meu mundo também existam outros seres humanos, e que eles existam não apenas corporalmente como outros objetos, nem somente entre esses objetos, mas como dotados de uma consciência que, em essência, e igual à minha. Assim, desde o princípio, meu mundo da vida e não meu mundo privado, mas algo intersubjetivo; a estrutura fundamental da sua realidade e comum a nos” (Schütz, 2023, p. 20).

<sup>6</sup> O uso do termo “sociologia fenomenológica” foi trazido por George Psathas em sua apresentação em 1971 em um congresso da Associação Americana de Sociologia. Cabe salientar que tal enunciado nunca foi empregado por Alfred Schütz para referenciar o seu empreendimento sociológico (Santos, 2022, p.168).

<sup>7</sup> Thomas Luckmann apesar de afirmar que a expressão “sociologia fenomenológica” seria equivocada para se referir à obra de Alfred Schütz, uma vez que a fenomenologia e sociologia são áreas distintas do conhecimento sendo uma filosofia e a outra ciência, ressalta “a evidente incorporação de parte do objetivo da filosofia de orientação fenomenológica, que é a investigação da orientação subjetiva no mundo, mas de uma maneira objetiva, própria de qualquer ciência” (Santos, 2022, p.168). Dessa forma, aconselha-se o uso do termo “sociologia sob orientação fenomenológica” ao explicar sobre a sociologia de Alfred Schütz.

dos sociólogos estejam direcionadas à compreensão da vida cotidiana” (Santos, 2022, p.169), pois será nessa observação que compreenderemos a realidade social. E esse se atentar à vida comum nada mais é que a “interpretação da compreensão do significado subjetivo atribuído aos fenômenos por parte do ator social no mundo da vida” (Santos, 2022, p.169). E será essa percepção de interpretação o diferencial na atividade sociológica de Alfred Schütz, qual seja, oferecer uma “fundamentação epistemológica” para a elaboração de um método de análise para descortinar o contexto social, mas sempre com o foco na perspectiva do sujeito, isto é, o que significa o mundo social para o sujeito observado (Santos, 2022, p.168).

A sociologia de Alfred Schütz “explora os conhecimentos do senso comum”, ou seja, “interpreta a interpretação dos indivíduos” na sociedade, além de estruturar os processos de tipificação e de relevância que são utilizados de forma individualizada pelo sujeito para a sua própria análise da vida cotidiana (Santos, 2022, p.169). Tais processos interferem diretamente na ação do sujeito, que, por sua vez, tem livre arbítrio para agir. Nesse sentido, Schutz assevera que “os indivíduos (...) têm a faculdade de interpretar o mundo e se interpretar no mundo”. E para que essa interpretação por parte dos indivíduos ocorra se faz necessário ter “à disposição um sistema de relevância e tipificação que faz parte do que é transmitido aos membros de um grupo interno por meio da educação” (Santos, 2015 p. 235).

Nessa perspectiva, Hermílio Santos (2015, p.234) citando Nasu (2008), afirma que:

“A sociologia schutziana apresenta um componente pragmático explícito, uma vez que o indivíduo é considerado do ponto de vista da ação, ou da ação iminente. Os indivíduos não estão à deriva nem submersos sob o fluxo dos fatos que experimentam, pois estão ”equipados” com os instrumentos necessários para se orientarem. Esses instrumentos são o sistema de relevância e de tipificação, que seleciona o conhecimento disponível, que é relevante para sua ação (Nasu 2008: 91); assim, eventos ou fatos puros não existem, apenas fatos e eventos interpretados”.

Dentro desse contexto sociológico schutziano em que a ação “é uma expressão de liberdade” Schütz preconiza que as motivações para o agir

devem ser examinadas pela sociologia, pois a origem da ação é cerne para o estudo de fenômenos sociais que, por sua vez, só serão efetivamente analisados se o “ponto de partida for a interpretação daqueles com experiência no fenômeno investigado”. Dessa forma, há o afastamento da perceptiva do observador pela experiência do ator social. (Santos, 2022, p.172).

Schütz, ao seguir o prisma weberiano, sustenta que, para apuração dos motivos da ação, é preciso analisar o significado subjetivo do sujeito em relação à sua ação. Melhor dizendo, o indivíduo concede um sentido a ela. Cabe ressaltar, todavia, que Weber não elucidou a forma de como proceder para a obtenção do acesso à concepção subjetiva do ator social, o que será ofertado por Alfred Schütz (Santos, 2022, p.172).

Schütz vai sugerir que o sentido subjetivo da ação dos indivíduos pode ser alcançado pela compreensão das experiências diretas ou indiretas desses atores sociais (Santos, 2022, p.172). Em outros termos, são as experiências e as interpretações dos próprios sujeitos que trazem o significado da ação. Nessa lógica, acrescenta Schütz (2023, p.35):

“Sentido não é qualidade de certas vivências distintas que surgem na corrente da consciência, nem das objetualidades nela constituídas. Antes, sentido é o resultado da minha interpretação de vivências passadas que são captadas reflexivamente a partir de um agora atual e de um esquema de referência atualmente válido. Enquanto eu estiver atido às minhas vivências e dirigido aos objetos nelas intencionados, as vivências não terão nenhum sentido para mim (deixando de lado aqui a estrutura de sentido e temporal especificado agir!). As vivências só se tornam plenas de sentido quando interpretadas *post hoc* e apreendidas por mim como experiências bem circunscritas. Assim, subjetivamente plenas de sentido são apenas as vivências que, recordativamente, excedam sua atualidade, que sejam examinadas em sua constituição e interpretadas quanto a sua posição em um esquema de referência a mão. Por conseguinte, e apenas na interpretação que meu próprio comportamento se torna pleno de sentido para mim”.

Vale destacar que, quando se experimenta algo e se adquire conhecimento, passamos a ter distintos níveis de relevância mobilizados em diversas circunstâncias da vida diária, o que sugere uma análise real dos

motivos do agir para desvendar o contexto social (Santos, 2015, p.236).

Diante desse quadro, observa-se que Alfred Schütz avança na sociologia da ação compreensiva fundada pelo alemão Max Weber ao postular componentes temporais distintos com relação às origens da ação, ou seja, Schütz aprofunda os estudos dos motivos da ação, separando-os em “motivos a fim de” e “motivos porque”. Os “motivos a fim de” se reportam às expectativas futuras do indivíduo, enquanto os “motivos porque”, por sua vez, referem-se aos fundamentos da ação firmada no passado biográfico do sujeito (Santos, 2015, p. 236).

Schütz, ao adotar a temporalidade na discussão da ação dos indivíduos, trazendo a conceituação dessas duas categorias motivacionais, permite ao observador um melhor entendimento do complexo processo de ação e tomada de decisão por parte do sujeito analisado. Percebe-se, dessa maneira, os “diferentes aspectos envolvidos na ação, ou seja, as experiências passadas, a perspectiva presente e as expectativas futuras” (Santos, 2022, p. 173). Corroborando nesse contexto, Hermílio Santos em seu artigo “*Biography and Action: A Schutzian Perspective to Life-world*”, citando o italiano Muzzetto, afirma que o “aspecto temporal raramente é incorporado como critério explícito para a definição de um roteiro de ação, ainda que o tempo seja parte constitutiva do significado<sup>8</sup>” (Santos, 2015, p.237). Santos (2021, p. 309) ainda acresce à discussão com a passagem:

Sociólogos dedicados à investigação da ação social não estão totalmente desatentos em relação à motivação quando discutem as razões para uma ação. No entanto, ao enfrentar o problema da motivação, os cientistas sociais geralmente estão mais preocupados com as expectativas futuras do ator, em outras palavras, com os “motivos para”. Inquirir sobre os “motivos porque” implica duas dificuldades: uma filosófica e outra metodológica. O problema filosófico está relacionado ao escopo da responsabilidade de um ator em relação às suas próprias ações, já que colocar a questão dos “motivos porque” implica aceitar uma responsabilidade razoável por elas, o que, paradoxalmente, poucas escolas sociológicas estão preparadas para admitir. A dificuldade metodológica é como obter acesso às experiências sócio-históricas do ator individual que

---

<sup>8</sup> “The time aspect is probably only rarely incorporated as a clear criterion for defining a guide of action and is maintained implicit, even though time is a constitutively part of meaning.”

influenciaram suas ações”.

No livro “Estruturas do mundo da vida”, iniciado por Schütz e finalizado e publicado por Luckmann, a biografia atua como aspecto central para a compreensão da ação já realizada, isto é, os “motivos biográficos poderiam decifrar motivações que levam indivíduos a fazer aquilo que fazem” (Schütz, 2023, p.08). Diante dessa conjuntura em que a compreensão da ação do sujeito se dá mediante as experiências vividas por este, como é possível analisar os “motivos porque” de tais atos?

Responder a tal questionamento mobilizou acadêmicos alemães na década de 1960, pois Alfred Schütz, embora tenha oferecido uma fundamentação epistemológica sobre a sua sociologia, não elaborou nenhum instrumento empírico fundado no seu empreendedorismo sociológico (Santos, 2022, p.173). Tal missão<sup>9</sup> coube aos alemães Fritz Schütze e, posteriormente, Gabriele Rosenthal que desenvolvem a abordagem reconstrutiva de narrativa biográfica, metodologia que está sendo adotada em minha dissertação de mestrado.

A abordagem reconstrutiva de narrativa biográfica é uma perspectiva metodológica que apresenta técnicas para a compreensão da ação no mundo cotidiano, possibilitando, dessa forma, a elaboração de “tipologias de interpretações do mundo da vida” a partir do manejo do acervo de conhecimento disponível, além da sedimentação dos sistemas de relevância e tipificação, que são essenciais para o entendimento do “processo de tomada de decisão no curso da ação cotidiana” do ator social (Santos, 2022, p.174).

A ação nessa metodologia é analisada de acordo com o empreendimento de Alfred Schütz, pois o que é examinado é o significado concedido pelo indivíduo “a sua própria ação, tanto no presente quando no passado”. Em outras palavras, “deve-se buscar a interpretação presente de experiências passadas, pois essas ações do passado são lidas com as lentes da

---

<sup>9</sup> Cabe salientar que a “obra de Alfred Schütz inspirou o desenvolvimento de algumas abordagens além da narrativa biográfica, por exemplo a etnometodologia apresentada por Garfinkel e a análise da conversação proposta por Sacks e Psathas”. Todas essas abordagens têm em comum a tentativa de se compreender aspectos da sociedade ou problemas sociais a partir da perspectiva do senso comum, ou seja, considerando-se o trabalho interpretativo daqueles envolvidos em atividades da vida cotidiana, evitando-se substituí-la pela perspectiva dos observadores científicos (Santos, 2022, p.174).

situação biográfica presente” (Santos, 2022, 175). Essa abordagem, portanto, oferece o acesso aos “motivos porque” da ação através da sua temporalidade.

Apesar dessa abordagem teórico-metodológica não estar fundamentada unicamente na obra sociológica de Schütz<sup>10</sup>, o ponto central dela, isto é, a análise das interpretações dos sujeitos sobre suas próprias ações e biografias, está presente de forma genuína na aplicação e exame do método. O que sugere a adoção de tal metodologia para a presente pesquisa sobre “Os estilos de vida da geração alpha: Uma abordagem biográfica e interpretativa.

Diante dessa síntese concisa da origem dos fundamentos teóricos da pesquisa biográfica reconstrutiva como método interpretativo passo à exposição do procedimento de condução e análise de entrevistas narrativas biográficas. Vale salientar que o procedimento de condução e análise das entrevistas têm como referência a abordagem de Gabriele Rosenthal, todavia, não serão executados no presente trabalho todos os passos sugeridos pela autora. Os passos mantidos serão aqueles que mantêm coerência com a fundamentação epistemológica adotada, ou seja, a sociologia de Alfred Schütz.

Um dos pilares fundamentais da pesquisa social interpretativa em especial a análise reconstrutiva de narrativas biográficas, adotada no presente trabalho, é o princípio da abertura. O princípio da abertura, bastante utilizado nas pesquisas sociais qualitativas, permite ao investigador ser auxiliado por procedimentos “abertos” (Rosenthal, 2014, p. 21) e oferece a melhor forma para que o entrevistado comunique o seu mundo cotidiano, o seu sistema de relevância desenvolvido em sua vida rotineira, isto é, as suas experiências biográficas. Os procedimentos abertos possibilitam o estudo da ação dos indivíduos a partir dos significados atribuídos por eles à realidade social e não pelo ponto de vista do cientista social. Ademais, por tal princípio, viabiliza-se o acesso ao acervo de conhecimento, “mas também a análise do conhecimento implícito, a produção interativa de significados para além das intenções dos agentes” (Rosenthal, 2014, p 22).

---

<sup>10</sup> “Deve-se lembrar que, em sua tentativa de realizar um projeto empírico viável, Rosenthal incorporou sistematicamente outras influências, como a análise sequencial proposta por Oevermann, a análise de quadro de Erving Goffman e a teoria da Gestalt interpretada por Aron Gurwitsch, um amigo muito próximo de Alfred Schutz, com quem trocou intensas cartas intelectuais” (Barber, 2004) (Santos, 2021, 318).

É na pesquisa sociológica biográfica com a entrevista narrativa e análise reconstrutiva, de acordo com Fritz Schütze, que o princípio da abertura é aplicado de modo sistemático, “tanto na realização da entrevista quanto nas diversas formas de análise de dados” (Rosenthal 2014, p. 170). Nesse sentido, acresce Gabriele Rosenthal (2014, p. 170):

“A opção pelo uso de uma forma de entrevista aberta revela o objetivo do pesquisador de apreender o tema investigado desde o ponto de vista do entrevistado. A entrevista aberta lhe ajuda a compreender e explicar o que está por trás de determinado ponto de vista, como essa perspectiva do sujeito se desenvolveu ao longo de sua vida ou, ainda, como ela continua a ser constituída no contexto da entrevista”.

Diante desse contexto, adentro ao procedimento da entrevista narrativa biográfica, a começar pela pergunta inicial, que faz jus ao princípio da abertura. A pergunta inicial convida o entrevistado a contar de forma completa as experiências da sua vida. E nesse momento de fala do entrevistado não cabe interferências com perguntas adicionais solicitando maior detalhamento por parte do entrevistador. Ao entrevistador é permitido apenas sinais não verbais de fala (“hm”), o estímulo pontual, por exemplo, “e o que aconteceu logo após?” para o caso da narração do entrevistado travar, além de gestos e expressões que denotem estímulos e atenção (Rosenthal, 2014, p. 194).

Por estar entrevistando adolescentes e os entrevistadores pessoas estranhas aos entrevistados foi eleita por parte dos entrevistadores uma comunicação mais descontraída com falas bem informais, o que deixou o entrevistado bem tranquilo e à vontade para conceder a entrevista. Cabe salientar que esta pesquisa foi realizada após aprovação pelo comitê de ética (Processo nr. 2216490), todavia, antes da homologação da presente pesquisa, várias “entrevistas testes” foram realizadas para se obter a melhor execução dos procedimentos metodológicos.

O presente trabalho consiste no estudo dos gostos e estilos da “geração alpha”, com ênfase especial na temática da leitura. A dúvida que pairava na realização das entrevistas testes era como seria a forma mais aberta possível da pergunta inicial para não direcionar o entrevistado apenas a suprir as expectativas dos entrevistadores. E a solução encontrada foi de apenas

mencionar o estudo de gostos e estilos da geração alpha aos entrevistados e seus responsáveis e não o foco temático da leitura, sem contudo, mencionar o termo “geração alpha”. E no caso da temática não aparecer de forma espontânea na narrativa principal, o entrevistado é questionado de forma direta na segunda etapa da entrevista narrativa, denominada de *perguntas externas* (Rosenthal, 2014, p. 191).

Por se abordar a questão do foco temático cabe apenas o registro que a pesquisa em andamento fará uso de um segundo instrumento para produção de dados, denominado “*grupo de discussão*”. Nessa metodologia, a temática “leitura” será apresentada aos entrevistados de forma mais explícita.

Ainda na primeira fase do procedimento da entrevista narrativa, em que o entrevistado apresenta de forma autônoma as suas experiências, a entrevistadora deve anotar os temas abordados escrevendo apenas palavras-chave, mas sempre observando a linguagem utilizada pelo entrevistado. Cabe ao entrevistador ter como referência o sistema de relevância e vivências trazidas pelo próprio entrevistado ao tomar nota do relato apresentado pelo entrevistado (Rosenthal, 2014, p. 195). Essa forma de registro dos temas mencionados e o respeito ao vocabulário trazido pelo entrevistado permite a realização da segunda fase da entrevista denominada *perguntas internas*, além de assegurar o princípio da sequencialidade, isto é, a entrevistadora acata a ordem dos temas referidos pelo entrevistado reverenciando e salvaguardando ao extremo o sistema de relevância (Susin, 2014, p.91).

Passo agora à segunda fase do procedimento da entrevista narrativa biográfica que consiste em perguntas internas e perguntas externas (Rosenthal, 2014, p. 191). Após o entrevistado sinalizar o fim da sua apresentação desenvolvida autonomamente ao ser solicitado a narrar (primeira fase), o entrevistador, com base nas anotações feitas da fala do entrevistado, passa a abordar os temas trazidos pelo

entrevistado observando as expressões utilizadas e a ordem sequencial mencionadas pelo próprio entrevistado, o que preserva, mais uma vez o sistema de relevância elegido pelo biografado (Rosenthal, 2014, p. 196). Nas palavras de Rosenthal, as perguntas internas sobre a narrativa principal deixam evidentes ao entrevistado o interesse global do entrevistador, o qual estimulará o entrevistado a outros relatos sobre o que já foi mencionado. (Rosenthal, 2014, p. 191) Em outras palavras, a ocorrência das perguntas internas ao entrevistado “visam à verificação ou comprovação de aspectos dos eventos apresentados” por ele próprio (Rosenthal, 2014, p. 191).

A elaboração das perguntas internas que trazem detalhamentos e aprofundamentos dos temas mencionados na narrativa principal, mostra-se, por vezes, algo complexo, pois depende “da habilidade do pesquisador/entrevistador em fazer as perguntas adequadas” (Susin, 2014, p.94). E essas perguntas podem ser realizadas de modo diverso.

Constituem ainda a segunda fase da entrevista narrativa as *perguntas externas*. Tais perguntas só serão realizadas ao entrevistado caso o foco temático da pesquisa não seja abordado de maneira espontânea pelo biografado, isto é, no caso de o entrevistado não mencionar experiências com a leitura na sua narração. Nesse caso, far-se-á uso da pergunta externa ao molde da pergunta inicial, como por exemplo: “*Tu poderias me contar como foi a escolha de um livro que você tenha gostado muito?*”

Ao final da entrevista, Rosenthal sugere ao pesquisador que estimule o pesquisado a narrar uma lembrança boa, caso tenha finalizado sua narração com uma experiência difícil, concluindo assim a entrevista de forma positiva. Após o término da entrevista, o entrevistador pode questionar ao entrevistado o que ele achou da entrevista e se ele teria alguma dúvida ou pedido a fazer (Rosenthal, 2014, p.200).

Após a finalização da entrevista o pesquisador fará uso de um instrumento chamado “memorando”, no qual descreverá todas as suas

percepções antes, durante e após o término da entrevista. É a primeira oportunidade em que o entrevistador tem para registrar “impressões, sentimentos, perguntas e até interações que não puderam ser capturadas pelo áudio” (Susin, 2014, p.95).

Até o presente momento, foi demonstrado como realizar uma entrevista narrativa biográfica em suas etapas. Em relação ao processo de análise, cabe destacar que a socióloga Gabriele Rosenthal ampliou o processo de análise, incorporando outras referências epistemológicas que não constavam na formulação original, proposta por Fritz Schütze, por exemplo, o apoio na chamada “hermenêutica objetiva”, proposta por Ulrich Oevermann, um sociólogo se coloca muito próximo à chamada “Teoria Crítica”. No processo de análise do meu trabalho irei me ater aos fundamentos epistemológicos vinculados à sociologia interpretativa e fenomenológica, o que justifica a incorporação de outro autor que não constava no suporte analítico inicial, notadamente Aron Gurwitsch.

Neste sentido, o primeiro passo, aqui, para o estudo reconstrutivo de uma entrevista narrativa se dá, portanto, pela análise do texto e do chamado “campo temático”. O objetivo do primeiro passo é a reconstrução das experiências narradas pelo entrevistado, isto é, a busca pela compreensão dos elementos que compõem e organizam as temáticas e suas temporalidades do sistema de relevância do indivíduo trazidos na entrevista (Rosenthal, 2014, p.236). E, para tal feito, é necessário observar a ordem, a sequência do texto trazido pelo entrevistado para uma possível reconstrução e até mesmo de referências omitidas na narração. (Susin, 2014. p.104).

O campo temático, por sua vez, pode ser compreendido como o “interesse de apresentação” espontâneo do entrevistado, ou seja, a maneira como o entrevistado quis se apresentar biograficamente ao entrevistador, considerando a situação da entrevista, os entrevistadores e os estímulos colocados pelos pesquisadores.

O segundo passo, na análise aqui a ser realizada, constitui em contrastar os dados biográficos com a narrativa e auto-interpretações do entrevistado (Susin, 2014, p.108). O terceiro e último passo é a

identificação de um tipo interpretativo. Um dos principais objetivos da análise é identificar os diferentes tipos interpretativos entre os entrevistados. Contudo, os tipos aqui não se referem a diferentes identidades ou personalidades (como seria comum na análise psicológica), mas esses tipos se referem às diferentes interpretações relativamente ao problema de pesquisa. O problema, contudo, coerente com uma análise abdutiva (ao contrário de uma análise dedutiva), apenas deverá ser definido com o avanço das entrevistas, ou seja, como é comum na chamada "grounded theory", apenas o material empírico deverá fornecer elementos para a elaboração do problema, nunca antes.

A partir do exposto acima e considerando as práticas de pesquisas empíricas que adotaram a presente perspectiva metodológica, é possível afirmar que se trata de uma abordagem perfeitamente compatível com a pesquisa etnográfica, como vem demonstrando diversos estudos no Brasil e no exterior. Contudo, o que se observado é que a combinação dessas duas abordagens tem sido mais comum quando a pesquisa biográfica é conduzida em ambientes os quais a delimitação territorial é explícita, como em casos de pesquisas urbanas ou em ambientes organizacionais específicos, como o caso de plataformas de petróleo ou em favelas brasileiras, pesquisas nas quais contaram com a participação/vcoordenação do orientador deste trabalho, Prof. Hermílio Santos, ou ainda em cidades israelenses e campos de refugiados na Palestina, em pesquisas conduzidas por pesquisadores sob a orientação da socióloga Gabriele Rosenthal, na Universidade de Göttingen.

### **Referências**

ALEXANDER, Jeffrey. *A importância dos clássicos*. In: GIDDENS, Anthony & TURNER, Jonathan (orgs.) *Teoria social hoje*. São Paulo: Unesp, 1996, p.23-90.

ARON, Raymond. *As etapas do pensamento sociológico*. Tradução Sérgio Bath. - 6.ed. -São Paulo: Martins Fontes, 2003. - (Coleção tópicos).

COHN, Gabriel. In: Weber, Max. *Sociologia*. 7.ed. São

Paulo: Ática, 2002. (Grandes Cientistas Sociais, 13).

FREUND, Julien. *Sociologia de Max Weber*. Tradução de Luis Claudio de Castro e Costa; revisão de Paulo Guimarães do Couto. - 5.ed. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

GARCEZ, Eliane Fioravante. Weber, Schütz e a busca de “sentido” na ação social: Uma análise comparativa Revista Eletrônica dos Pós Graduandos em Sociologia Política da UFSC: v.11 n.1 2014, pp. 63-90.

MATA, Sérgio da. A fascinação weberiana: as origens da obra de Max Weber – 2.ed. - Porto Alegre: EDIPUCRS, 2020 – Série Monumenta; 12.

MUZZETTO, Luigi (2006), *Time and Meaning in Alfred Schütz*, in “Time & Society”, vol.15, No. 1, pp.5-31.

NASU, Hisashi (2008), *A continuing dialogue with Alfred Schütz*, in “Human Studies”, 31, pp.87-105.

NATASON, Maurice. In: Schutz, Alfred. *Collected Papers I: The Problem of Social Reality*. The Hague: Nijhoff, XXV - XLVII, 1962.

ROSENTHAL, Gabriele. *Pesquisa social interativa: uma introdução*/ Gabriele Rosenthal; trad. Tomás da Costa; rev. Hermílio Santos. - 5ª ed. - Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

ROSENTHAL, Gabriele. *História de vida vivenciada e história de vida narrada*. Porto Alegre: Edipucrs, 2017

SANTOS, Hermílio. Alteridade, decepção e estigma no ciberespaço: desdobramentos da interação social mediada. Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia, núm. 26, abril, 2005, pp. 41-46. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

SANTOS, Hermílio. *A sociologia de Alfred Schütz*. Teoria sociológica contemporânea: autores e perceptivas / Carlos Eduardo Sell, Carlos Bendito Martins (orgs). Petropolis, RJ: Vozes, 2022. pp.163-178.

SANTOS, Hermílio. *Biography and Action; A Schutzian*

Perspective to Life-word. *Società Mutamento Política*, v.6, p.231-243, 2015.

SCHÜTZ, Alfred. *A construção significativa do mundo social: uma introdução à sociologia compreensiva*. Tradução Tomas da Costa. - Petropolis, RJ: Vozes, 2018. - (Coleção Sociologia)

SCHÜTZ, Alfred. *Fenomenologia e Relações Sociais*. Edição e organização de Helmut T. R.Wagner. Tradução de Angela Melin. Editora Zahar, 1979.

SCHUTZ, Alfred; LUCKMANN, Thomas. *Estruturas do mundo da vida*. Tradução de Tomas da Costa; apresentação e revisão técnica Hermílio Santos. - Porto Alegre: Edipucrs, 2023

SRUBAR, Ilja. On the origin of “phenomenological” sociology. *Human Studies*, Konstanz, v. 7, p. 163-189, 1984.

SELL, Carlos Eduardo. *Sociologia Clássica: Marx, Durkheim e Weber*. 7. ed - Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. - (Coleção Sociológica)

WEBER, Max. *Sociologia*. Organizado por Gabriel Cohn. 7.ed. São Paulo: Ática, 2002. (Grandes Cientistas Sociais, 13).

WEBER, Max. Conceitos sociológicos fundamentais. In: \_\_\_\_. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Tradução de Régis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. Revisão técnica de Gabriel Cohn. 4. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004. v.1, part 1, cap. 1, p. 3-35.

WELLER, Wivian, e PFAFF, Nicolle. *Metodologias Da Pesquisa Qualitativa Em Educação : Teoria E Prática*. 3ª Edição ed. 2010

